OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 257

11 DE FEVEREIRO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA, L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma noticia tristissima, que foi recebida com alegria por toda a gente — a noticia da morte de Santos.

E explica-se facilmente esta estranha recepção de uma noticia destinada a arrancar lagrimas de todos os olhos, a enlutar todos os corações.

É que ha uma cousa mil vezes peor do que a morte, é a tortura e que foi a essa tortura medonha, a esse martyrio monstruoso que a morte de Santos veio pôr termo.

Todos que estremeciam o grande artista, todos que sabiam do seu soffrimento sem nome, amigos e estranhos, não podiam desejar-lhe de bem possivel senão uma cousa — a morte.

E foi por isso que no dia 8 d'este mez, quando por toda a Lisboa correu a noticia de que o grande actor fallecera, todos os labios a acolheram com a mesma palavra em que transluzia um allivio enorme:

— Finalmente!

E muitos duvidavam ainda da veracidade da noticia.

Tinha-se dito tantas vezes que Santos morrera, que Santos estava agonisante, que estava por minutos apenas e Santos continuava a viver e a padecer, que a duvida era justificadissima.

Nós mesmos, ha mais de um mez que illudidos por um d'esses falsos boatos, que ha tres mezes, raros dias deixavam de correr por Lisboa, escrevemos uma longa noticia n'um jornal annunciando chegado o fim da agonia já então excepcionalmente prolongada do eminente artista, e começavamos esta noticia pelo mesmo «Finalmente» que no dia 8 accudiu a todos os labios.

E no dia immediato a essa noticia, quando imaginavamos receber participação da morte de Santos, diziam-nos de sua casa que elle estava melhor, tristes melhoras que não podiam conduzir de fórma alguma á boa saude e que só o que faziam era retardar cruamente o unico momento possivel do bem estar, isto é, do não padecer, a morte!

Santos, excepcional em tudo, depois de ser o assombro de Lisboa pelo seu talento, foi o assombro de Lisboa pelo seu martyrio.

A sua doença teve uma originalidade tragica e ficará tristemente celebre entre os casos clinicos de Portugal.

Os medicos, e eram dos mais illustres, que assistiam áquelle martyrio, em que a natureza venceu em crueldade todas as invenções mais atrozes da inquisição, ficaram extaticos ante essa doença Torquemada que lhes apparecia com um cortejo sinistro de gigantes torturas demoradas, que pela primeira vez se lhes apresentava no seu caminho.

Durante oito longos mezes, os ossos do corpo de Santos quebravam-se de momento a momento, sem motivo, recusando-se a toda a consolidação cirurgica.

Uma ligeira queda sem importancia, que n'outra pessoa o mais que produziria, seria uma pequena escoriação, quebrou-lhe uma perna.

Foi o signal do esphacelamento d'aquelle esqueleto. A essa fractura succedeu-se outra, e outra e outra, uma immensidade d'ellas.

Já não era necessario queda, já não era necessario pancada para produzir a fractura. O mais pequeno movimento da perna e do braço era bastante para haver quebra immediata do osso.

Obrigado a uma immobilidade permanente, o desgraçado Santos, passou cinco mezes, deitado de costas na cama, sem se mecher, luctando a todo o momento com dores horriveis, vendo a morte a pairar sinistra sobre o seu leito.

E o seu espirito, como que apurado pela cegueira, purificado pelo soffrimento conservava uma lucidez extranha.

EM 1874

EM 1884

O ACTOR JOSÉ CARLOS DOS SANTOS (Segundo photographias)

Artista até á raiz do cabello, tendo consagrado toda a sua vida á arte, era ainda naturalmente essa arte, que elle tanto amára, que enchia todas as suas preoccupações de doente.

Nos momentos em que as dores lhe concediam um boccado de treguas, Santos não falava senão de cousas de theatro.

Os jornaes reproduziram muitas d'essas conversações extravagantes, que tem o seu quê de phantastico.

Todos os dias Amelia Vieira, a sua adorada e alegre companheira das noites de gloria e que durante os oito annos de cegueira e de martyrio não o abandonou um minuto, tratando-o com uma dedicação sobrehumana, com um carinho e um amor que nem nos romances já se acha, porque o realismo expulsou das suas paginas essas dedicações santas e sublimes, por não as julgar nem humanas nem verosimeis, Amelia Vieira a quem ha tres mezes Santos recebeu por esposa, legalisando assim essa união que o amor, a fidelidade e a dedicação de ha muito sanctificára, lia-lhe os jornaes portuguezes e francezes, especialmente as noticias theatraes, porque Santos apezar de moribundo queria estar ao corrente de todas as cousas, que se referiam á sua querida Arte.

Foi assim que elle soube que no theatro de D. Maria estava em ensaios a *Clara Soleil* de Gaudinet.

Apenas lhe constou esta noticia escreveu á actriz Emilia dos Anjos pedindo-lhe o manuscripto da peça. Ouviu-a ler e dictou uma longa carta áquella actriz dando-lhe conselhos muito judiciosos sobre a interpretação do papel e comparando-o com outros do mesmo genero que aquella gentil actriz tinha já representado.

A *mise-en-scene* e a execução do *Duque de Viseu*, o drama historico de Henrique Lopes de Mendonça em ensaios no theatro de D. Maria deram que fazer áquelle moribundo.

Passava horas e horas a falar na peça, no cuidado que era indispensavel para pôr em scena um drama historico, no escrupulo rigoroso necessario á *mise-en-scene*, na interpretação dos papeis, no personagem de D. João II, e pensava em tudo e tudo via com o seu clarissimo criterio de grande artista e de excepcional director technico, como se fosse elle que tivesse de montar a peça, como se estivesse ainda nos seus aureos tempos de emprezario de D. Maria.

Ás vezes por desfastio, para voltar por momentos ao seu passado brilhante, punha-se a recitar os seus grandes papeis. Amelia Vieira dava-lhe as deixas e então era um espectaculo curioso, estranho, original, o ver esse pobre celebre artista, immobilisado no leito da morte, com os olhos para sempre fechados, occultos pelos vidros negros da luneta, com a sua cara monstruosa de cadaver, um rosto suppliciado em que não se advinhava uma unica das feições caracteristicas do radiante Santos de outr'ora, recitar com a sua voz sonora que conservára ainda todas as notas encantadoras que deliciavam o nosso ouvido n'outros tempos, com as mesmas inflexões profundamente dramaticas, as brilhantes tiradas do Olivier de Jalin do *Demi-Monde* e as apaixonadas declarações de amor de marquez de Champsey á creoula Margarida Laroque do drama de Feuillet.

E aquelle rosto cadaverico illuminava-se então de uma phantastica luz, e dir-se-ia que aquelle moribundo estava vendo com os olhos da alma, estava falando com o espirito, com essa pallida e loura Margarida, que ha muito se sumira no tumulo, outra phenomenal artista que se chamava Manuela Rey, e que esses dois gentis espiritos previlegiados se entendiam já, ella do mundo mysterioso onde habita, elle do limiar da eternidade para onde ia entrar!

Oito horas antes de morrer, Santos esteve ainda conversando de cousas de theatro: esteve inquerindo do exito do *Genro de Poirier* que se representára na ante-vespera, em beneficio de Silva Pereira e falando com um grande enthusiasmo de artista da explendida comedia de Augier.

Depois vieram afflicções sobre afflicções, umas angustias atrozes que duraram até ás tres horas da madrugada.

Ás tres horas Santos serenou, e assim sereno e tranquillo passou da vida á morte ás seis horas e meia da manhã do dia 8, conhecendo-se apenas que elle deixára de viver porque deixára de respirar.

E aquelle corpo que em vida tão attribulado fôra, nem mesmo na morte teve descanso. A sciencia quiz analysar o cadaver, como em vida a critica analysára o artista, e no dia immediato quatro medicos illustres dissecaram o corpo de Santos, analysaram-lhe as visceras, observaram-lhe o cerebro que tinha todos os caracteristicos de structura dos cerebros previlegiados onde os talentos superiores habitam, estudaram-lhe minuciosamente os ossos que tão estranha enfermidade accommettera.

E depois d'essa autopsia, o cadaver foi encerrado no caixão de chumbo e conduzido ao pantheon dos artistas dramaticos no Cemiterio dos Prazeres, por um numeroso acompanhamento que prestava assim a ultima homenagem áquelle que fôra o primeiro actor portuguez dos tempos modernos.

O Occidente publica hoje dois retratos do grande artista, acompanhados de uma biographia critica feita pelo illustre homem de lettras e notavel poeta o sr. Luiz Augusto Palmeirim, director do Conservatorio Real de Lisboa, d'onde Santos era professor, e amigo intimo de infancia do chorado artista.

Temos sobre a nossa meza um relatorio interessantissimo, tanto pelos dados que encerra como pela maneira brilhante como está escripto, pelo talento distinctissimo que fulgura nas suas paginas — o relatorio dos Albergues Nocturnos feito pelo sr. dr Luiz Jardim. Reservando-nos para tratar mais detidamente d'esse bello e curioso relatorio, não resistimos hoje ao desejo de transcrever, apezar de ir já longa a nossa chronica, uma das suas mais interessantes paginas.

Eil-a:

«Comparece no albergue nocturno, ao desdobrar a noite, um velho de 104 annos, do concelho do Fundão, e de nome Francisco Antunes. Ao começo d'este seculo, em 1801, tinha 18 annos quando o alistavam no regimento de infanteria n.º 20 de Abrantes. Era o n.º 48 da 8.ª companhia; e serviu no exercito durante 22 annos. Desde que aprendeu a recruta, nunca mais, diz elle, lhe sahiu a moxila das costas. Tinha 7 mezes de praça, quando combateu os hespanhoes na desgraçada campanha do Alemtejo, que terminou com a perda de Olivença. Mas, desde ahi até á ultima invasão franceza, á sua memoria, enfraquecida pela edade, nega lembranças o seu coração de portuguez; reaccende-lhe, porém o espirito, trazendo-lhe aos olhos clarão juvenil, que avivam as recordações, — *a batalha do Bussaco*. Lá, diz elle, pertencia ao regimento de infanteria 8 de Castello de Vide; e eu era segundo sargento, a 27 de setembro de 1810, ao levarmos os francezes de serra abaixo.

«Então, arrebatei áquelles *dienhos* uma bandeira, e... mostra as mãos acutiladas. Na esquerda tem ainda agora o signal fundo de golpe de espada; na outra, a direita, que não póde abrir, extrahiram-lhe um dos ossos pelas costas da mão. Sobrecarregado pelos annos e recordações, ainda consegue endireitar-se o pobre velho, quando relembra aquelle tempo antigo. O que elle affirma é a verdade. O regimento 8 foi o primeiro que na serra do Bussaco, alturas de Alcoba, soffreu a terrivel carga á bayoneta de tres regimentos (1) da divisão Merle, commandada pelo general Reynier; e que, tirando d'aquelle ataque a desforra, responde egualmente a ferro frio, descendo até ao amago das linhas imperiaes. O 83 e 45 inglezes seguiram no encalço do ousado 8 composto na maioria de recrutas imberbes.

«Lembra-se das linhas de Torres-Vedras que, na sua linguagem pictoresca, descreve serem grandes trincheiras espacejadas de reductos, sobre os quaes abria guelas a artilheria, em defeza do exercito alliado, que por detraz tinha seu acampamento até Lisboa.

«Francisco Antunes fez depois as campanhas de 1811, 1812, 1813 e 1814. Com o seu regimento estava na batalha de Fuentes de Oñoro, no mais acceso da luta, na aldeia do Poço-Velho. Não se bateu em Albuera no dia 16 de maio de 1811, porque pertencia ao exercito de Wellington e não ao de Beresford; mas, a 16 de março de 1812, encontrava-se no cêrco de Badajoz, praça conquistada a 5 de abril, e onde os alliados perderam 4:000 homens entre mortos e feridos; esteve no assedio da praça de Salamanca (27 de junho), e logo com o seu regimento na batalha dos Arapiles, a pouco trecho de Salamanca, onde foi destroçado o exercito de Marmont, duque de Raguza, e feridos do lado dos francezes, os generaes, Marmont, Bonnet, Clausel e morto Thomieres, e da parte do exercito anglo-portuguez, Beresford, Cole, Leith e Cotton. Esteve na batalha de Victoria a 21 de junho de 1813, e no mez seguinte, em julho, nos desfiladeiros dos Pyrinéus, quando o exercito anglo-luso cobria com a sua direita o bloqueio de Pamplona e com a esquerda o cêrco do S. Sebastião. Alli foi batido Soult, e os alliados perderam 6:000 homens. Entrando a 7 de outubro de 1813 as tropas inglezas e peninsulares em França, combateu o nosso illustre velho em todas as batalhas, que a prodigiosa retirada de Soult offereceu aos alliados, desde Bayona e Orthez até ás margens do Garonna.

«De mais se não lembra, senão que esteve dois mezes em Paris, e que o alferes da sua companhia era o Hypolito, e o tenente chamavam-lhe o Moncada. Quando voltaram de França, atravessando os Pyrenéus, as tropas portuguezas, diz Francisco Antunes, comiam muita batata, que descobriam na terra com as bayonetas; mas o bom foi quando chegaram a Portugal, porque então poderam comer a lande, que assavam em grandes magustos. E que era excellente! Tudo isto faz rir; mas n'aquelle tempo, diz elle, era para uma pessoa chorar. Teve baixa em 1823; e emquanto D. João VI foi vivo, sempre lhe deram 500 reis diarios. Vae em 54 annos, que lhe não dão nada.

«Se tivera a sua baixa apresentava-se; mas esta apodreceu lhe no bolço, com uma trovoada d'agua de Abrantes para o Cantarinho.

«É esta a narração do veterano, que temos em nosso albergue, desde 8 de dezembro. Tão sómente as batalhas a que se reportou sublinhámos as datas, por ser verdadeiro em todas ellas haver combatido o regimento 8, em que militou Francisco Antunes.

«A sua historia acreditamol a; porque é vêr-lhe o aspeito militar, as cicatrizes que lhe assignalam as mãos, e a ingenua narrativa a coincidir com a tradicção historica. Depois, nem a sua memoria esvaecida, nem a sua intelligencia, ensombrada já pela proxima noite do tumulo, são capazes de vivos improvisos ou brilhantes aventuras. É um pobre velho, e de tanta edade, que talvez nem veja o decurso de mezes! Tem 104 annos. A sua vida, em tempos melhores, gasta em defeza da patria, é a de tantos illustres humildes, que ao terminar a campanha peninsular, desceram ao acanhamento de sua pobreza, e sumiram-se. Este, aos 104 annos, surge de seu ignorado esquecimento a pedir nos, de esmola, uma cama para dormir.

«Senhores, se fordes ao albergue nocturno, e vós, nosso Augusto Presidente, quando vos dignardes de lá voltar, lembrae-vos, Senhor, que este pobre é um soldado que defendeu o paiz.»

Gervasio Lobato.

(1) Esta carga encheu de admiração os francezes e inglezes, sendo aquelle regimento, punhado de recrutas, louvado na ordem do dia.

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

Damos hoje aos nossos leitores dois retratos do grande actor José Carlos dos Santos: um, dos dias felizes em que a mocidade e a gloria o bafejavam; o outro, tirado depois que a fatalidade o feriu, privando-o da vista, fazendo noite escura em volta do intrepido luctador.

Quem por um momento prestar attenção aos dois retratos, sem difficuldade lerá no primeiro d'elles o idyllio de uma primavera de amor e de sonhos côr de rosa, que em breve passou, como passam os sonhos, para dar logar a que o tufão implacavel dos dias tristes de um prematuro inverno prostrasse o athleta que se julgava fadado para os mais brilhantes destinos.

A imprensa periodica da capital, que dias antes recommendava calorosamente o beneficio, que uma commissão de amigos promovia em favor de Santos, annunciava pouco depois em sentidas phrases a morte do actor que fizera as delicias dos espectadores dos theatros de D. Maria e do Gymnasio, do talento audaz que quebrára com as tradições das velhas escolas, e conscio da propria valia, mettera hombros á empreza de reformar com o seu exemplo o theatro nacional.

Escrever uma biographia completa do actor Santos é como fazer a synthese da historia do theatro portuguez na sua segunda evolução, isto é, depois da deposição dos chefes da dynastia romantica, até o advento do grande artista, que com a sua lucida intelligencia comprehendera que a novos sentimentos devia corresponder um novo modo de dizer, e que á desecação moral da actual sociedade, feita pelos modernos dramaturgos, convinha uma interpretação diversa da que se regia mais por formulas convencionaes do que inspirada pela logica das paixões.

Como todos a quem a natureza assignalou uma missão, José Carlos dos Santos quasi que ao sahir das faixas infantis conhecêra que era um predestinado á gloria, porque uma voz interior lhe segredava á consciencia que um dia elle, a quem contrariaram a vocação em nome dos velhos preconceitos sociaes, seria no futuro o primeiro vulto da scena nacional.

Quem estas linhas escreve conheceu e tratou de perto todos os artistas de verdadeiro merecimento que em vertiginoso caminhar passaram pelo ruido festivo das palmas e das ovações, ao silencio frigido da sepultura.

Ainda agora, a trinta e tantos annos de distancia, descortino atravez dos tempos a figura pensativa de Epiphanio, os traços da phisionomia artistica de João Anastacio Rosa, a gentil apresentação de Tasso: e ao ouvido me resoam as facecias do Lisboa e do Sargedas.

É attonito dos destroços que o tempo deixa, derribando cedros e desfolhando flores, que me chega aos ouvidos, por entre o ramalhar dos cyprestes, a voz suavissima da Emilia das Neves, os requebros innocentes de Manuela Rey, os gritos de alma da pouco feliz Soller, todos em promiscuidade de recordações com a velha Barbara e a galhofeira Delfina, que, para em tudo ser portugueza, se completava com os sobrenomes de Perpetua do Espirito Santo!

Nas sciencias e lettras, como tambem nas artes, sejam quaes forem os erros e preconceitos da epoca e das escolas, o talento e o genio sobrevivem na memoria dos homens. Mais fallazes glorias do que as do orador e do actor não as conheço. Os predicados externos de ambos d'elles desapparecem com a morte. A voz que se insinuava ao ouvido das plateas, ou das multidões ávidas de apreciar o dom da palavra dos mais notaveis oradores desapparece com elles. O jogo da physionomia, que é o reflexo das intimas commoções do artista, deixa de ser um facto para passar a ser uma suspeita que nos não aquece o coração, nem nos provoca os applausos. A leitura do discurso de um grande orador, ou os commentarios laudatarios da critica á reproducção na scena de paixões vehementes ou de caracteres typicos, só por menos de metade os aprecia, quem não ouvir as infleções potentes da voz do actor tragico, ou o olhar agora fulminante, logo meigo e compassivo d'essas naturezas excepcionaes que arrastam atraz de si as multidões. E' por isso que a posteridade parece cerrar as portas aos artistas eminentes que perderam com a morte o condão de avassalar as turbas.

Quem d'aqui a meio seculo acreditará que houve um actor portuguez, exagerado se quizerem, que reproduzia na scena as sinistras figuras dos mais tenebrosos dramas de Alexandre Dumas, tão bem como o faziam então nos palcos dos primeiros theatros de Paris os seus mais distinctos actores? Quem prestaria fé á asserção de que esse mesmo artista que despedia as apostrophes sanguinarias dos largos monologos tragicos, se transformava rapido no bondoso Telmo do *Frei de Souza*, ou no evangelico pastor d'almas do *Alfageme de Santarem?*

O nosso seculo, que não crê sem analyse, e que tem o seu principal caracteristico na duvida, como d'aqui a poucos annos acceitará como verdade o que se lê nos «*Documentos para a biographia de Emilia das Neves*» a portentosa actriz que a natureza ornára de todos os dotes physicos que uma mulher pode invejar, e com a prescienciа lucida de todos os segredos da grande arte, que em si resume o profundo conhecimento do coração humano?

Tem José Carlos dos Santos o logar d'honra na galeria já de si opulenta dos actores portuguezes, mas para maior gloria sua é necessario não o isolar dos seus predecessores, não separar a sua brilhante individualidade da tradição, embora recente, que a um outro grupo de artistas o prende, como elle despretenciosamente confessa no seu «*Album*» esperando convencido do proprio merecimento o julgamento insuspeito da posteridade.

De dois unicos actores fallámos da pleiade anterior pela chronologia á moderna escola portugueza de declamação. Mas, foram só Emilia das Neves e Epifanio, os dois unicos actores que arcaram com os escabrosos reportorios de Victor Hugo, de Dumas e de Scribe? Não ha ainda tanta gente viva para testemunhar como o Tasso se aquecia ao fogo das paixões de que era interprete; e como a pobre Manuella Rey presentindo talvez o seu fatal destino, idealisava a innocencia caracterisando-a com a ingenuidade da voz e do olhar que a apparentava com as illuminuras dos livros sagrados?

E baixando na escala das aptidões theatraes, não estão ainda vivos na memoria de todos, os que preferem Molière a Corneille, as francas gargalhadas dadas á reproducção comica de alguns papeis accentuadamente humoristicos, transplantados dos reportorios extrangeiros para os theatros nacionaes?

O actor José Carlos dos Santos que eu conheci creança, antes de largar o vôo por conta propria, agasalhou-se debaixo da aza protectora dos que por seu turno haviam recebido lição da experiencia, poucos, senão raros, dos livros, nenhum da tradicção, que a não havia no theatro nacional.

Amigo de ler e de comparar, o artista que havia de futuro ser o primeiro entre os seus, por algum tempo se deixou ainda ir na corrente que desnorteava os seus mais prestantes collegas, até firmar o pé na verdadeira terra da premissão.

Moço, esbelto, bello, d'essa belleza varonil a que o sol da peninsula imprime caracter; liberto de cuidados, irrequieto, sonhador e principalmente crente; José Carlos dos Santos, com todos estes predicados via a arte atravez de um prisma seductor, afigurava-se-lhe abraçal-a já, e estreital-a a si triumphante, como ás nymphas esquivas das florestas alcançam com o desejo os faunos lascivos das lendas mythologicas.

N'esse tempo ainda o futuro grande actor não dispunha do proprio engenho ao sabor da sua inspiração pessoal. Arredar-se de prompto do methodo de declamação dos seus collegas e do systema velho de contra-scenar, seria lançar uma nota discordante no conjuncto da representação theatral, introduzir a discordia na casa alheia. Resolveu-se a esperar. No decurso da sua aprendisagem intima, o que fazia Santos? Vivia, não esse viver pautado e de tabella, que dá côres sadias ao burguez e engorda o ricasso; mas esse viver activo, petulante de seiva, aureolado de esperanças, entrecortado de amores, perfumado pelo fumo do charuto, que é conjunctamente o thuribulo e o encenso de quem vive mais do espirito do que da materia.

Conheci José Carlos dos Santos n'este periodo de ebolição nervosa, em que uma tentação é pouco; em que algumas tentações não bastam ainda; em que só o tumultuar d'ellas todas entretem o espirito e purifica e coração de gente moça.

Que grande escola esta para quem navega á vella e com vento de feição no mar sem limites das cogitações artisticas! Foi pois n'esta escola, de que fogem com horror os myopes e os tartufos, que José Carlos dos Santos estudou o mundo antes de o reproduzir com as suas verdades e os seus ouropeis nas taboas do palco.

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

AS NOSSAS GRAVURAS

JOÃO ANTONIO BRISSAC DAS NEVES FERREIRA

Governador do Novo Districto do Congo

Por decreto de 23 de Dezembro de 1885 foi nomeado governador do novo districto do Congo, na Africa Occidental, o sr. João Antonio Brissac das Neves Ferreira, capitão tenente da armada e um dos seus officiaes mais distinctos.

A nomeação do sr. Neves Ferreira para tão importante cargo, foi justa e bem recebida, porque o distincto official reune todas as qualidades precisas para o bom desempenho da commissão que o governo lhe confiou.

A's suas habilitações scientificas reune o sr. Neves Ferreira as mais apreciaveis qualidades de caracter, que o fazem um cavalheiro estimavel e respeitado.

Não sejam estas palavras tomadas á conta de mero cumprimento, o que só poderiam pensar os que o não conhecem, porque tanto os seus camaradas como as outras pessoas de suas relações, sabem a excellencia de caracter do digno official de marinha que vae dirigir a administração do novo districto do Congo.

As diversas commissões que o sr. Neves Ferreira tem desempenhado, tem sido outras tantas provas da sua capacidade e intelligencia como funccionario, e no governo que vae gerir, tem o distincto official um novo motivo para augmentar os seus creditos e prestar maiores serviços á patria.

Sabendo-se quanto são difficeis e ingratos os governos das nossas provincias ultramarinas, em que faltam muitos dos principaes elementos para bem governar, é tanto mais honroso para o funccionario que consegue triumphar d'essas difficuldades fazendo um bom governo, em que se honre a si e ao paiz.

Estamos certos que o sr. Neves Ferreira fará esse governo, porque lhe não faltam dotes proprios para o realisar.

O sr. Neves Ferreira encetou a carreira de marinha em 6 de Outubro de 1864, por assentar praça de aspirante. A 4 de julho de 1866 era guarda marinha, e a 28 de Abril de 1870, 2.º tenente. Em 26 de Outubro de 1876, 1.º tenente supranumerario, entrando no quadro em 16 de Maio de 1878. Capitão tenente supranumerario a 11 de Junho do mesmo anno.

O primeiro navio que commandou foi o vapor *Sena*. Depois foi commandante do *Tete*, e em 9 de maio de 1883 commandante da canhonheira *Tejo* de que foi exonerado no anno seguinte.

Por portaria de 17 de Março de 1876 foi nomeado vogal da commissão encarregada de formular os regulamentos para execução da lei de 21 de fevereiro d'esse anno; em 18 de outubro d'esse mesmo anno nomeado engenheiro para os estudos do caminho de ferro de Loanda a Ambaca.

Em 23 de março de 1882 foi nomeado, por decreto, governador do districto de Benguella, de que pediu a exoneração.

Nomeado 2.º commandante da escola de marinheiros de Lisboa, em 14 de Novembro de 1882, e em 17 do mesmo mez, vogal da commissão encarregada de redigir um projecto de regulamento para a mesma escola.

Por portaria de 20 de Maio de 1885 foi nomeado vogal da commissão mixta por parte de Portugal, para verificar quaes as occasiões e circumstancias em que a Insua grande do rio Minho, communica com a terra firme, e proceder a um estudo exame das condições das outras ilhas d'aquelle rio.

Em 15 de Outubro do anno findo, foi nomeado para fazer parte da commissão encarregada da compra, em Inglatatera, de material para o novo districto do Congo.

Eis resumidamente os factos mais importantes da vida official do sr. Neves Ferreira, devendo accrescentarmos que todas estas commissões de serviço que mencionamos, foram desempenhadas pelo distincto official com manifestas provas de intelligencia e zelo.

Em 1884 foi condecorado com a commenda de S. Bento d'Aviz, correspondente ao seu posto, e justa recompensa aos seus merecimentos.

PANORAMA DO DOURO, JUNTO AO PORTO

A gravura que hoje publicamos, é um dos pontos pittorescos do rio Douro, na cidade do Porto, proximo á sua foz.

O panorama representa, do lado direito, junto da margem, a alfandega, edificio vasto, composto de tres corpos, onde funccionam as repartições aduaneiras desde a sua mudança para alli, da antiga casa que occupavam na rua dos Inglezes e a qual servira em epochas remotas, de poisada aos monarchas que visitavam aquella cidade, tendo sido n'ella que nasceu o infante D. Henrique.

O novo edificio, assente em estacaria fixada no alveo do rio, foi planeado e executado sob a direcção do finado engenheiro Victoria, que exerceu por muitos annos o logar de director das obras publicas d'aquelle districto.

A cidade, n'esse sitio, sobe por uma colina, no cimo da qual se destaca o Palacio de Chrystal com parte dos arvoredos dos seus jardins.

Defronte da alfandega fica o antigo sitio de Gaya, que faz parte da villa do mesmo nome.

UMA QUITANDEIRA

Continuando a apresentarmos aos nossos leitores alguns typos de costumes africanos, publicamos hoje a *quitandeira* ou vendedeira ambulante.

A palavra *quitandeira* deriva-se da palavra africana *quitanda* que quer dizer loja de venda, mercado ou logar onde se faz venda de generos de qualquer natureza.

Assim a *quitandeira* abrange toda a especie de vendedeiras, quer estas vendam fructas, ortaliças e outros comestiveis, quer vendam artigos de vestuario, quer quinquilherias, loiças ou outros artefactos.

Não é só nas nossas possessões de Africa que se encontra a *quitandeira;* no Brazil tambem existem importadas naturalmente com os pretos de Africa que para lá tem ido, chamando-se a certo genero de estabelecimentos de menos importancia, *quitandas*.

Esta mesma razão deu talvez o nome de rua da *Quitanda* a uma rua que ha no Rio de Janeiro, rua cheia de estabelecimentos commerciaes de toda a especie e que por isso os pretos lhe chamassem *Quitanda* nome que lhe ficou.

Entre nós quando se quer metter qualquer estabelecimento a ridiculo chama-se-lhe *quitanda*, o que prova simplesmente a ignorancia da verdadeira significação da palavra que, como se vê, designa na lingua angolense qualquer loja de venda e até mercado.

Dramas do povo

Maria Antonietta
(Luiz XVI)

Tartufo

Amores de Bocage

1. João Carteiro — 2. A Leitora — 3. Vida de um rapaz pobre (Desenhos de Manuel de Mecedo)

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

III

O Gulf-stream — Observações do principe herdeiro de Monaco — Experiencias — Projecto de legenda symbolica de archeologia pelo sr. Estacio da Veiga — Periodos historicos do Algarve.

Quando em 1513 Ponce de Leão subia até ao 30° grau de latitude norte, contornando as costas da Florida, no continente então recentemente descoberto, notou que uma força invencivel lhe tornava o regresso difficil, não obstante o vento serlhe favoravel. Deu este facto origem á descoberta da famosa corrente, que deriva do golfo do Mexico e que, passando nos Açores, modifica tambem a temperatura de uma parte da Europa Occidental. O *Gulf-stream*, como os inglezes chamam a esta corrente e nome pelo qual é conhecida, deu logar a singulares contestações. Tanto Galileu, como Copernico, negaram a sua existencia. Um lente ecclesiastico da Universidade de Oxford sustentava que no polo norte existia um enorme sorvedouro, onde convergiam as correntes de todos os mares, e que os nautas uma vez envolvidos por ellas não podiam livrar-se e eram inevitavelmente arrastados á morte inevitavel.

O principe herdeiro de Monaco, em sessão de 22 de janeiro proximo, na Sociedade de Geographia de Paris, deu conta das investigações realisadas a bordo da *Hirondelle*, e concluiu que, de todas as observações feitas até aqui, resulta que não ha fundamento para uma theoria incontestavel com respeito á celebre corrente, que alguns auctores comparam a um rio no meio do Oceano.

O material empregado pelo principe foi fornecido pelo conselho municipal de Paris, e construido pelo sr. Pouchet, director do laboratorio maritimo de Concarneau e professor no Museu. Compõe-se de espheras ocas de cobre, de barris de castanho, e de garrafas. No interior d'estes recipientes ha, mettido n'um tubo de vidro, um documento redigido em francez, inglez, russo, sueco, dinamarquez, allemão, hespanhol, portuguez, etc., cortado de um caderno com talão e convidando a pessoa, que o encontrar, a envial-o com certas indicações ao governo da sua nação para ser entregue ao governo francez.

A *Hirondelle* partira do Lorient a 9 de julho de 1885, e tendo chegado aos Açores, lançou no dia 27, a 117 milhas ao N. W. da ilha do Corvo, 172 fluctuadores de milha em milha.

Até hoje seis d'essas boias foram encontradas nas costas açorianas. Os fluctuadores cujo ponto de partida era mais proximo do archipelago, chegaram primeiro ao centro do grupo de ilhas, que os outros lançados em latitude mais alta, os quaes tiveram demora desproporcional. O fluctuador que mais longe fôra lançado foi colhido na parte occidental do archipelago, tendo apparentemente feito menos caminho em maior espaço do tempo.

Parece pois que o *Gulf-stream* em 300 milhas ao N. N. W. dos Açores, não tende a caminhar para o N. E. nem mesmo para Leste. Os fluctuadores tomaram a direcção S. 40° Este, e Sul 35° Este.

O *Gulf-stream* propriamente dito segundo a informação do principe, não passa além de 40° de latitude e recurva-se para o Sul ao mesmo tempo que se approxima do meridiano dos Açores Alguns casos, porém, de fluctuação se podem dar por causa dos ventos dominantes, que levariam para Leste uma porção de agua em camada superficial, conservada em temperatura relativamente elevada. É a essa camada de agua que se deve o calor humido espalhado nas costas da Europa. Esses fluctuações terão sido causa do periodo glacial. Quanto a Portugal, é sem duvida ao *Gulf-stream* que deve a amenidade do clima do littoral.

— Tratemos agora do trabalho recente de um benemerito da sciencia, um lidador infatigavel, que deixou as musas que tão propicias lhe foram, para se devotar ao estudo das plantas e da archeologia e da historica. É do sr. Estacio da Veiga de quem falamos, auctor do *Projecto de legenda symbolica para a elaboração e interpretação da carta de archeologia historica do Algarve*, publicada no *Jornal das sciencias mathematicas, physicas e naturaes* da Academia Real das Sciencias.

O systema empregado em varias cartas do extrangeiro era arbitrario e particular a cada uma, e por isso foi que sob proposta da Sociedade scientifica de Cracovia se nomeou uma commissão que o destruiu, encarregando os srs. Ernesto Chantre e

JOÃO ANTONIO BRISSAC DAS NEVES FERREIRA
GOVERNADOR DO NOVO DISTRICTO DO CONGO (Segundo uma photographia de Sollas)

PANORAMA DO DOURO JUNTO DO PORTO (Segundo uma photographia de Biel)

Gabriel de Mortillet de redigirem a legenda nacional das cartas prehistoricas.

Esse systema foi rigorosamente observado e seguido a primeira vez em Portugal pelo sr. Estacio da Veiga na sua carta prehistorica do Algarve.

Esse systema, porém, como não abrangesse tudo quanto era necessario representar com respeito ás antiguidades prehistoricas da Peninsula, sentindo-se com especialidade essa falta no que se refere ao Algarve, que o sr. Estacio da Veiga estudou sob o ponto de vista paleoethnologico, e cujos descobrimentos realisados até fim de novembro de 1882 serão representados e descriptos em obra proximamente publicada, — foi necessario que o illustre academico apresentasse um systema de que carecia aquella região, para indicar as cavernas, grutas ou furnas naturaes com vestigios archeologicos ou tradicção de terem sido utilisadas. Mas como as antiguidades historicas ficassem sem regulamento, o sr. Estacio da Veiga redigiu uma memoria, que enviou á Sociedade franceza de archeologia, que a admittio e que a ha de propor á discussão no congresso de Montbrison.

Com respeito ao Algarve dividiu o sr. Estacio da Veiga os tempos historicos, comprehendendo a instituição da monarchia, em tantos periodos, quantas foram as nacionalidades que senhorearam aquelle territorio, sendo cada periodo subdividido em epocas e estas representadas por caracteristicas.

Tempos prehistoricos — 1.ª edade de ferro — periodo luso punico-romano — epoca 1.ª edade de ferro e preromana (parcialmente historica).

Tempos historicos — 2.ª edade de ferro — periodo polytheistico (I ao V seculos) epoca romana. 3.ª Edade de ferro — periodo Wisigothico (V ao VIII) epocas da invasão do norte e wisigothica. Periodo Mahometano (VIII seculo ao XIII) epocas mosarabe e arabe. Periodo Portucalense (XIII ao seculo XIX) epocas ogival, renascença e moderna.

Para todas estas epocas ha signaes, que, combinando-se com os signaes radicaes, podem exprimir com a maior clareza qualquer legenda, por exemplo: *monumento epographico, da epoca wisigothica, construcção isolada, da epoca ogival — explorada, etc.*

Com a modestia que tanto caracterisa os que mais sabem, o sr. Estacio da Veiga pede aos institutos scientificos e litterarios e a todos os que se occupam de archeologia que lhe enviem quaesquer propostas, que esclareçam o assumpto, desenvolvam ou emendem o seu trabalho.

— Do sr. Estacio da Veiga conhecemos entre outros um trabalho sobre as *plantas da Serra de Monchique*, publicado quando menos se attendia á *flora portugueza*, a qual tinha então sómente por investigador algum amante apaixonado que isoladamente lhe tributava culto.

Por isso esse trabalho realisado muito antes da fundação da Sociedade Broteriana, para nós sobreleva em valor e merece-nos o applauso — de admiradores humildes que somos — mas sincero.

João de Mendonça.

RESENHA NOTICIOSA

Exposição internacional de Liverpool. Em maio do corrente anno deve ser aberta, em Liverpool uma exposição internacional relativa aos meios de transporte pelas vias fluviaes, terrestres e aereas. Esta exposição que se realisa sob a protecção da rainha de Inglaterra, e tendo por seu presidente o principe de Galles, abrange um plano vastissimo assim concebido: Collecção de modelos de navios antigos e modernos, com a indicação dos materiaes empregados nas construcções navaes, machinas, apparelhos, embarcações de todos os generos, dokas, portos, pharoes, salva-vidas, tudo emfim que diga respeito á navegação. Na secção de viagens por terra, serão admittidos modelos de carruagens e carros antigos e modernos de todos os paizes e de toda a especie. O vapor tomará uma parte importante como força motriz applicada a machinas de transporte de passageiros e mercadorias. Os ensaios de transporte aereo por meio de balões serão tambem representados desde o seu principio até ás ultimas experiencias feitas em nossos dias, com a intensão de dar direcção aos aerostatos. As amostras de materiaes empregados na industria de locomoções, os aperfeiçoamentos obtidos nas vias de transporte, os estudos theoricos e praticos sobre este objecto, tudo, emfim, se acha incluido no vasto plano d'este certamen extremamente curioso e onde a sciencia e a industria muito terá a estudar e aproveitar. Para serem conferidos aos expositores ha 500 medalhas de ouro, 1:000 de prata, 1:500 de bronze e 2:000 diplomas de mensões honrosas. Os concorrentes de Portugal poderão dirigir-se á repartição de obras publicas, commercio e industria.

Casamento do principe real D. Carlos. Está officialmente declarado o futuro casamento do principe real D. Carlos com a princeza Maria Amelia, filha dos condes de Paris. A cerimonia do casamento celebrar-se-ha em Lisboa no mez de abril, e para essa occasião projectam-se grandes festas. Brevemente trataremos d'este assumpto mais circumstanciadamente.

O estandarte do regimento de cavallaria 10. As damas de Aveiro bordaram um estandarte para o novo regimento de cavallaria 10 aquartellado n'aquella cidade, e para fazerem entrega do referido estandarte ao regimento, pediram a Sua Alteza o sr. infante D. Augusto, que foi alli inspeccionar aquelle regimento, a fineza de elle fazer a entrega do estandarte. A tão delicado quanto galante encargo accedeu Sua Alteza extremamente penhorado por tão graciosa commissão.

Expedição scientifica aos Açores. Reuniu no dia 30 do mez findo, nas salas da Sociedade de Geo-

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 255)

XX

Os dois scelerados

Devia de ser uma luta de gigantes a que ia travar-se entre esses dois homens.

Ambos se odiavam e temiam, porque ambos eram igualmente fortes, igualmente audaciosos, possuindo toda a energia, toda a força de vontade precisas para as grandes concepções arriscadas.

O crime attrahira-os ao mesmo ponto e o crime unia os por laços mysteriosos e indissoluveis, independente da vontade e do querer de ambos.

Combinadas as coisas e tendo cada qual a sua idéa reservada, apresentaram-se no dia seguinte á hora aprasada em casa do corregedor, que por sua parte não se havia tambem descuidado, no intuito de lhes utilisar os serviços e lograr as intenções ambiciosas.

— Senhor, disse o *Trovão*, é este homem a quem cabe a legitima gloria de haver preparado tudo para se descobrir a terrivel conspiração que eu, abusando da boa fé que em mim depositou, fui denunciar ao conde-duque, mallogrando as intenções que elle tinha e roubando-lhe a gloria d'este serviço, gloria que só a elle cabe.

O corregedor fez-lhe diversas perguntas a que o *Frade* respondeu com firmeza e consciencia do seu legitimo valimento: por ultimo concluiu!

— Podereis indicar-nos o paradeiro dos fugitivos, que a acção da lei reclama?

O *Frade* respondeu altivamente.

— Só eu possuo esse segredo, por que eu só poderia livral-os do laço que lhes estava preparado.

— E com que intenção vos tornas-te cumplice de tão graves crimes. Favorecendo a fuga d'esses loucos que ousam oppor-se á vontade da nação que toda reconhece os direitos do seu legitimo senhor, assumiste uma responsabilidade tremenda.

— Sei que jogo a vida n'uma carta arriscada, mas sois vós mesmo o primeiro interessado em favorecer as minhas pretenções.

— De que modo?

— Pelo interesse que tereis necessariamente em haver ás mãos os criminosos cuja fuga favoreci.

— Muito bem. Revelae esse segredo á justiça e...

— Não tenho duvida nenhuma, no momento em que acordemos nas compensações. A fatalidade arrastou-me ao crime. Accusam-me de mortes, de incendios, de devastações que não commetti nunca.

— Calumnias, replicou o corregedor. Todos vós dizeis o mesmo.

O *Frade* lançou ao juiz um olhar faiscante, cheio de nobreza e altivez.

— Eu digo a verdade.

— Não se trata agora d'isso, replicou o magistrado que começava a agastar-se. Quer dizer aonde estão os cumplices?!

— Quero que me restitua a felicidade que eu perdi, que me facilite meios de rehabilitação e de vida honrada. Detesto a vida do vagabundo.

— Quer dinheiro? Peça.

O *Trovão* que tambem começava a impacientar-se observou.

— Homem, despacha-te, que queres tu? És difficil de contentar! Que diabo arriscas denunciando esses tratantes?

O *Frade* sorrio amargamente. Depois dirigiu ao corregedor e ao *Trovão* um olhar prescurtador, em que se traduzia uma grande surpresa e uma grande decepção. Elles haviam trocado entre si um signal qualquer de intelligencia, que não escapou á sua prespicacia.

— Comprehendo tudo, exclamou. Deixei-me cahir n'um laço que ambos me armaram. Pois bem, eu lhes juro, que o meu segredo morrerá commigo.

N'isto abriu-se uma porta rapidamente e entrou o escrivão do corregedor seguido de alguns meirinhos.

— Taivez não morra! bradou o corregedor, lançando para elle um olhar de triumpho, como se já de ha muito aguardasse aquella apparição, que na verdade tinha o seu tanto de theatral.

O *Frade* empallideceu, e o *Trovão* sorriu, denunciando prazer maldito.

Seguiu se um momento de anciedade terrivel.

O corregedor depois de fallar baixo com o escrivão voltou se para o *Frade* e disse:

— Sois accusado de crimes gravissimos, de cumplicidade com os ciganos e de correspondencia com os inimigos convictos de sua magestade catholica e conspiradores constantes contra a paz do estado.

O *Frade* abaixou a cabeça, mordendo o labio inferior de uma maneira rancorosa e terrivel.

O corregedor entretanto dirigiu-se ao *Trovão*:

— E vós, aventureiro perigoso, desleal para com os camaradas, sois accusado dos crimes de morte, incendio e devastação, praticados em toda a Extremadura pelos ciganos; mais vos accusam de pertencer á quadrilha temivel dos «Caçadores de carne humana».

E sem esperar a replica, voltou-se para o escrivão e disse-lhe:

— Faça entrar a testemunha para que possa reconhecer o accusado.

O *Frade* e o *Trovão* atreveram-se a trocar entre si um olhar inquieto, possuido de igual assombro.

Quem podia ser essa testemunha?

Depressa a curiosidade de que estavam possuidos foi satisfeita, vendo entrar, seguida de dois meirinhos, uma creatura repellente, ebria, desgrenhada e coberta de farrapos.

Era Ondina.

O *Frade* mal poude conter um grito de desespero.

Em todas as situações difficeis da sua vida, desde a fuga do convento de Santo Eloy até áquelle momento solemne, a cigana havia figurado sempre como uma predestinação fatal para elle.

— Aproxime-se, disse o corregedor, dirigindo-se a Ondina.

A cigana avançou alguns passos, cambaleante de embriaguez.

— Está prompta a ratificar quanto declarou aos agentes da policia a respeito de certos papeis que foram encontrados em sua casa?

Ella balbuciou apenas:

— Estou.

O *Frade* curvou a cabeça, como se lhe houvessem descarregado sobre elle um peso esmagador.

— Perdido.

Dizia-lhe a consciencia que nada poderia salval-o.

O magistrado lançou-lhe um olhar triumphante.

— Agora diga-me, proseguiu, dirigindo-se á cigana e indicando-lhe o *Trovão*. É esse o homem de quem se queixa e a quem attribue as suas desgraças?

— É, é elle mesmo.

— Basta.

Voltou-se então para os circumstantes:

— Deixem-me só com esta mulher e conduzam esses dois homens para a cadeia.

Dizendo isto, indicava o *Trovão* e o *Frade*.

Os meirinhos obedeceram immediatamente e os dois presos deixaram-se conduzir sem resistencia.

Não se trocou sequer uma palavra entre ambos. Quando atravessaram, porém, um dos corredores por onde os deviam conduzir á escada, alguem que pela escuridão do recinto não poderam reconhecer passou de relance junto d'elles e disse:

— Não desesperem.

O *Frade* e o *Trovão* aproximaram-se instinctivamente um do outro.

Tinham ouvido ambos a mesma phrase

graphia de Lisboa, sob a presidencia do sr. Nery Delgado, a commissão que deve organisar o programma para uma expedição scientifica ás ilhas dos Açores. N'essa reunião foram eleitas trez commissões para a confecção do programma, as quaes ficaram assim formadas: *Sciencias phisico-chimicas:* J. C. de Brito Capello, Moraes e Sousa, Hermenegildo Brito Capello, Roberto Ivens, Almeida Pinheiro. *Sciencias historico-naturaes:* Conde de Ficalho, Nery Delgado, Neves Cabral, dr. Fernando Mattoso, dr. Sousa Martins, dr. Silva Amado, dr. Carvalho Monteiro, dr. J. A. Serrano, dr. Oliveira David, A. Bensaude e Jules Daveau. *Sciencias historico-sociaes:* Rodrigues da Costa, Adolpho Coelho, Luciano Cordeiro, Marrecas Ferreira, Rodrigo Affonso Pequito, Augusto Ribeiro.

Leilão de quadros. Espera-se em breve um grande leilão de quadros e outros objectos de arte, pertencentes ao espolio de D. Ramon Quiroga, fallecido no paiz visinho. As collecções artisticas de D. Ramon Quiroga são das mais notaveis, e na sua galeria de quadros ha mais de mil telas de pintores celebres da escola bysantina, allemã, italiana, flamenga, franceza e hespanhola, firmadas pelos nomes de Rubens, Sneyders, Van Artois, Sion, Vos, Murillo, Jordaens, Suiders, Ticiano, Basano, Pablo Verones, Tintoreto, Mengs, Durero, Jordan, Salvador Rosa, Caballero, Rivera Carreno, Velasquez, Alonzo Cano, Maella, Zurbaran, Juan de Juanes, Yepes, Mignard, Carlucho, Tempesti, Andrés del Sarto, Leonardo de Vinci, Cimabué, Pousin, Van Loo, Angelico, Lebrun, Campagne, Claudio de Lorena, Correggio, Guido Reni, Guerquino, Casteglione, Morales e Raphael. A imprensa hespanhola tem lembrado ao governo a conveniencia de adquirir esta valiosa collecção para os museus do estado. Por lá ainda se fala em comprar obras de arte; por cá nem sequer se recolhem ao museu nacional as que existem nos conventos que vão vagando, por falta de verba para as despezas necessarias d'esse serviço!

Hydrophobia. Pasteur acaba de obter um triumpho pratico com o seu processo de cura de hydrophobia. Quatro creanças que lhe foram enviadas de New-York, e que tinham sido horrivelmente mordidas por um animal damnado, foram curadas pelo sabio professor, e já regressaram para o seu paiz.

Premios da exposição de Antuerpia. Chegaram a Lisboa as medalhas e diplomas destinadas aos expositores portuguezes.

Pensão. Sua Magestade el-rei D. Luiz mandou dar a pensão de 20$000 réis mensaes ao sr. Angelo Coelho de Magalhães, descendente do grande tribuno José Estevão, para continuar os seus estudos na Academia de Bellas Artes de Lisboa, que o sr. Magalhães tem frequentado com rara distincção, mas de que a falta de meios obrigava a desistir.

Premio do Instituto de Medicina de Paris. O Instituto de Medicina de Paris conferiu o primeiro premio de 2:000 francos ao sr. Oliveira de Castro, medico em Leça da Palmeira, pela memoria sobre therapeutica dosimetrica geral apresentada por este senhor no concurso aberto pelo referido Instituto. A este concurso concorreram medicos de diversas nações, e por isso é assaz significativa e honrosa para o nosso compatriota, a distincção que acaba de receber.

Archeologia. O dr. Dörpfeld descobriu sobre a Acropole, entre o Parthenon e o Erechtum, os restos de um palacio semelhante aos de Hissarlik e de Tirynthо.

Centenario das batatas. A Sociedade de Agricultura de Paris projecta festejar o centenario da applicação das batatas para alimento do genero humano, descoberta de Parmentier que lhe ia custando a vida, quando o povo o accusava de o querer envenenar com aquelles tuberculos.

Chuva torrencial. Deu-se em Curaçáo, nas Indias Neerlandezas, um phenomeno de que não ha memoria, e que consistiu em grandes chuvas que alli cahiram, nos ultimos dias de dezembo. As seccas n'aquella região, são de muitos mezes seguidos e as chuvas, quando as ha, costumam ser escassas, por isso o facto que ultimamente se deu, tomou o caracter de phenomeno para os habitantes de Curação, que se encheram de espanto, ao mesmo tempo que as cisternas se enchiam d'agua a trasbordar.

Recepção de Halevy na academia franceza. Celebrou se no dia 4 do corrente a recepção official de Ludovic Halevy na Academia Franceza, em presença de um grande auditorio, no qual avultavam muitas damas da aristocracia franceza, entre estas a condessa de Paris, a princeza Mathilde, a duqueza de Mouchy, a condessa de Canisy, a condessa Patocka, madame Bizet, etc. Sua alteza o principe real D. Carlos assistiu tambem á sessão, em companhia do sr. visconde do Seisal e sr. marquez de Sequeira. Foram padrinhos de Halevy, Victorien Sardou e Desiré Nisard. O discurso de Halevy foi muito applaudido, mas o que pronunciou Eduard Pailleron é que teve as honras da sessão.

Novo ministerio inglez. O novo gabinete inglez ficou assim composto: Henrique Campbell Baumermann, ministro da guerra; William Harcourt, ministro da fazenda; Chamberlain, presidente do conselho do governo local; Jorge Otto Trevelyan, ministro da Escossia; Antony John Mundella, ministro do commercio; John Morley, ministro de Irlanda; Lord Roseberry, ministro dos negocios extrangeiros; Lord Kimberley, ministro da India; Russell, procurador geral.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O Espolio dos Conventos, *a proposito de Chellas e Sant'Anna.* Um folheto de 16 paginas, Imprensa Progresso. O auctor d'este folheto ano-

---

— Silencio, observou o *Trovão.*

E accrescentou de modo que só fosse ouvido do companheiro:

— Não está tudo perdido, esperemos.

Na rua poude ainda dizer-lhe:

— Não me foi estranha aquella voz, e iria jurar que era o filho do escrivão do corregedor quem nos fez aquelle mysterioso aviso.

O *Frade* encolheu os hombros com signal de indefferença e perguntou:

— Quem é essa alma compassiva?

— É um homem que hontem á noite livrei de apanhar uma grande sova.

— E pensas que elle possa tirar-nos d'esta alhada?

Não poderam trocar mais palavra.

Um dos meirinhos surprehendeu-os n'este colloquio e chamou-os ao silencio, servindo-se do argumento decisivo de um pequeno pau de marmeleiro, que brandia com o desafogo de quem está certo de não receber na mesma moeda o respectivo troco.

Chegados á cadeia, e quando cuidavam que iam deixal-os juntos, foram mandados cada um para seu carcere diverso, e inteiramente isolados dos demais presos, tomando-se por seu respeito as precauções mais rigorosas.

Todo este apparato de prevenções, todo este rigor de vigilancia acabaram por anniquilar de todo o espirito do *Frade.*

Tudo havia acadado para elle.

Não succedia outro tanto, porém, ao seu companheiro.

O *Trovão* esperava ainda o desenlace d'aquella aventura desagradavel, confiado no aviso mysterioso.

Entretanto todas as suas faculdades e todas as suas aspirações se concentravam n'um só ponto: a liberdade.

No isolamento esta idéa fixa chegava a produzir-lhe allucinações singulares, principalmente de noite.

Via coisas extraordinarias e sentia rumores subterraneos que o sobresaltavam.

N'uma d'essas occasiões, tinham já decorrido talvez quatro dias de encarceramento, pareceu-lhe alta noite ouvir bater na parede algumas pancadas ligeiras.

Não procurou certificar-se do fundamento d'esta suspeita, e correspondeu immediatamente ao signal que ouvira, batendo com os nós dos dedos na mesma parede.

Em seguida veiu cair-lhe aos pés um pequeno embrulho. Apoderou-se d'elle com alvoroço, e depois de certificar-se que era um bilhete que necessariamente alguem lhe mandava, aguardou impaciente e febril que a claridade do dia penetrasse no cubiculo em que estava encarcerado, a fim de se inteirar do seu conteudo.

Nunca lhe pareceram tão longas e interminaveis as horas do carcere.

Aos primeiros alvores da madrugada, quando mal penetrava na enxovia uma tenue claridade, abriu o mysterioso bilhete e leu:

«Passou a tempestade e chegou a bonança. Coragem».

Não tinha assignatura, nem conhecia a letra d'este aviso anonymo.

O seu pensamento encaminhava-se todavia de preferencia para o filho do escrivão do crime.

N'esse dia foi chamado a perguntas e mudado de prisão.

Destinaram-lhe um quarto espaçoso coberto de ladrilho, tendo ao centro uma janella magnifica, d'onde se disfructava o panorama do Tejo em parte da sua extensão enorme e da sua grandeza magestosa.

Uma outra circumstancia importante e de bom aviso que lhe não passou desapercebida — a do interrogatorio.

Limitaram-se a perguntar-lhe se sabia porque estava preso e se tinha algumas relações com Rodrigo Botelho, membro do conselho de fazenda, ou se sabia de uma conspiração em que elle se achava envolvido com outros.

Nada mais.

A respeito de violencias, extorções, roubos, mortes, o ex-companhiro dos caçadores de carne humana notou com prazer inaudito que nem palavra lhe fôra dirigida.

Era portanto evidente que procuravam favorecel-o e que esse favor que lhe dispensavam partia dos seus proprios juizes.

Sentiu-se quasi commovido. Tantas attenções enchiam-n'o de reconhecimento, e por momentos chegou a ter saudades do *Frade,* d'aquelle seu pobre companheiro, que afinal havia sido tão logrado como elle.

N'esse mesmo dia logo depois do toque de ferros, dada a voz de silencio, ouviu bater nas grades da janella muito ao de leve. Levantou-se, avançou nos bicos dos pés com todas as precauções que o caso exigia, mas quando julgava encontrar grades que a defendesse, achou se n'uns braços vigorosos que o estreitavam affectuosa e enthusiasticamente, clamando a meia voz:

— Bravo patriota, bravo, é assim que procedem bons e leaes portuguezes.

O homem que assim lhe fallava era uma bella figura de velho, cujas formosas barbas emmolduravam uma phisionomia insinuante em que se traduzia a energia da vontade e a firmeza das convicções.

Havia tanta magestade e tanta nobreza na alegria d'aquelle velho extraordinario, a sua voz tinha tanto de tocante e de solemne, o seu olhar exprimia tamanha paixão, que o scelerado habituado ao crime e ao trato de homens de sentimentos rancorosos e maus, não poude conter um movimento de surpreza, e a si proprio perguntou se não estaria sendo illudido pela sua phantasia, sob a influencia de alguns dos muitos sonhos de liberdade que lhe povoavam de agradaveis chimeras as tristes solidões do carcere pelas horas extensas da noite.

O desconhecido, porém, como se não estranhase a surpreza com que era recebido, proseguiu:

— Sei tudo. As suas respostas foram dignas, nem era de esperar outra cousa de um coração generoso e leal, consagrado á obra da patria.

Havia por certo um equivoco a seu respeito, mas isso não fazia ao caso.

— Não tem que me agradecer, respondeu o *Trovão.*

— Oh! eu já o esperava, proseguiu o desconhecido. Tinha-o avisado para que se prevenisse. Póde crer que tem amigos lá fóra, e aqui mesmo n'esta casa não sou eu só que se interessa pela sua sorte e pela do seu companheiro.

Estas palavras esclareceram um pouco as duvidas do *Trovão.*

O velho alludia de certo ao filho do escrivão do crime.

Mas porque lhe chamava patriota?

N'este ponto é que o engano era manifesto.

Que demonio de serviço havia elle e o seu companheiro prestado á patria?

Roubar na estrada, certamente que não era a isso a que aquelle velho tão enthusiasta alludia.

Denunciar aquelles pobres diabos que sonhavam com a vinda de D. Sebastião.

Podia ser.

Na verdade os agentes de Castella começavam a ser inquietados fortemente por essa seita de visionarios, que no fim de contas não era tão innocente nem tão inoffensiva como se affigurava na apparencia.

Mas n'este caso porque lhe agradecia o velho das barbas brancas a negativa aos pontos do interrogatorio que podia compromettter Rodrigo Botelho e seus cumplices?

Não comprehendia nada.

— Foi uma idéa magnifica de se inculcarem criminosos de roubos e mortes. Ha mais consideração para os assassinos e para os ladrões que para os que amam a sua patria e por ella sacrificam a vida e fazenda; mas aquelles malvados dos Pinas...

nymo mostra grande conhecimento do assumpto que trata, e o seu brado em favor da salvação dos espolios que ainda restam nos conventos de freiras, que cada dia estão sendo desocupados, é justo e bem fundado, e só é para lastimar que haja motivo para apparecerem protestos d'esta natureza, quando a boa administração de tantos valores artisticos que ainda existem nas casas religiosas do paiz, devia ser negocio corrente e de ha muito posto em pratica pelos poderes publicos, a fim de evitar o desbarato que esses valores vão soffrendo e com elles a riqueza da nação, a historia das artes e das industrias nacionaes ou nacionalisadas, tudo emfim que deve servir de base para o estudo da industria portugueza em todas as suas manifestações. Avançam-se n'este folheto verdades duras que deviam despertar a attenção publica, mas infelizmente primeiro cançará o latego que a flacida ou pôdre carne se dôa.

Relatorio e contas da Direcção do Real Gymnasio Club Portuguez. Este relatorio é do exercicio de 1885, e a sua leitura põe em relevo os serviços prestados á educação physica pelo Real Gymnasio Club Portuguez, uma instituição creada e desenvolvida pela força de vontade de alguns rapazes que tem lutado corajosamente para a sustentarem, tornando-a uma verdadeira escola de exercicios corporaes, dotada com tudo quanto se póde exigir para bem funccionar. O Real Gymnasio Club Portuguez é um estabelecimento de primeira ordem, levando vantagem a muitos outros de egual indole existentes em paizes extrangeiros.

Noite de Nupcias, *léver de rideau,* por Luiz Antonio Gonçalves de Freitas, Imprensa de Lucas Evangelista Torres, Lisboa. Este *léver de rideau,* é de uma elegancia e finura apreciaveis e assim o confirmou o publico que assistiu á sua representação, no theatro do Gymnasio, na noite do beneficio do estimavel ensaiador Leopoldo de Carvalho. Se em scena agradou não agrada menos a sua leitura. É uma delicada producção poetica que vem affirmar o bello talento do sr. Gonçalves de Freitas, poeta justamente apreciado.

AFRICA PORTUGUEZA — Uma quitandeira
(Desenho de Manuel de Macedo segundo photographia de Moraes)

As Colonias Portuguezas, proprietarios e directores, Manuel F. Ribeiro e Antonio A. F. Ribeiro. Lisboa, n.º 12 do 3.º anno, com gravuras e artigos referentes ás colonias. Este numero é o ultimo do 3.º anno de publicação d'esta bella revista scientifica.

Da Terra á Lua, por Julio Verne, traducção de Henrique de Macedo, David Corazzi editor, Lisboa. É a 4.ª edição d'este livro, e o primeiro da collecção das obras de Julio Verne, tão popularisadas. Esta edição, porém, offerece a grande vantagem de ser extremamente economica, o que virá augmentar ainda mais a sua popularidade, pondo o livro ao alcance das classes que desejam instruir-se, mas que lhe faltam os meios para realisarem essa aspiração com livros de maior preço. A edição que o sr. Corazzi põe agora em circulação, é nitida e superior a muitas edições estrangeiras de baixo preço; é illustrada com duas gravuras e custa apenas 200 réis.

A Moda, *publicação trimensal illustrada com figurinos em phototypia,* publicação feita pelos srs. Costa Braga & Filhos, proprietarios da Grande Chapelaria a Vapor, na rua da Firmeza, no Porto. Os figurinos são de chapeus para inverno, apresentando modelos magnificos e que honram sobre modo esta industria portugueza, uma das primeiras do paiz.

Republicas, *revista politica e litteraria,* director litterario Visconde de Correia Botelho, Adolpho, Modesto & C.ª, editores. 2.º anno n.º 59, 3.ª série. Continua publicando se com toda a regularidade esta interessante revista litteraria, onde se encontram artigos de grande merecimento.

ERRATA

No artigo *O moderno movimento geographico em Portugal,* publicado em o numero antecedente, a pag. 31, 3.ª col., linha 30, onde se lê: É que o sr. Huber não pertencia nem pertence ás nossas cooperativas de homens por grosso e por miudo e não era nem delegado..., leia-se: É que o sr. Huber não pertencia nem pertence ás nossas cooperativas de grandes homens por grosso e por miudo e não era nem é delegado...»

Ao ouvir este nome o *Trovão* não poude conter-se que não perguntasse.

— Quem são esses Pinas?

— Dois monstros vendidos a Castella, o braço direito do corregedor.

O *Trovão* sentiu bater-lhe lá dentro no peito uma cousa que até lhe afogava a voz na garganta. Estava como se o pozessem sobre brazas.

— Então foram esses homens...

— Foram elles que fizeram tudo. No assentamento de entrada foi alterada a nota da culpa e desde logo considerados como réos do crime de rebellião e lesa-magestade. Contam fazel-os enforcar.

O *Trovão* teve vontade de se rir da sinceridade d'aquelle velho de formosas barbas e tão levantadas idéas, mas conteve-se para não destruir um equivoco de que tantos proveitos poderia tirar. Simulou um grande desalento e exclamou:

— Sei a sorte que me espera e é inutil escaparlhe. Seria comprometter mais victimas.

O velho perfilou-se todo, e abrindo muito os olhos disse:

— Ella por ella, meu amigo. Acaso se não sacrificou tambem por servir a grande causa? Logo não tem direito de se oppôr a que nós cumpramos o nosso dever.

A modestia do velhaco deu-se por vencida.

— Agora mesmo vae sair d'aqui e mais o seu companheiro: soou a hora da emancipação, venho libertal-o!

O *Trovão,* não podendo conter um accesso de alegria louca, lançou-se nos braços do seu libertador com um enthusiasmo que o ia baldeando da janella.

— O seu nome, diga-me o seu nome, clamava elle.

— Que importa o meu nome? N'este momento basta-lhe saber que sou portuguez. Siga-me.

Dizendo isto segurou-o por um braço e trouxe-o para fóra da janella, cujo peitoril assentava na beira do telhado de uma das azas mais altas do edificio.

Uma vertigem ali era a morte.

— Aguente-se, aguente-se, advertia elle caminhando na frente e sustendo sempre um equilibrio admiravel.

O *Trovão* obedecia machinalmente, sem se atrever a fitar o temeroso abysmo que se lhe desdobrava debaixo dos pés.

Chegados ao extremo da aza, começaram a avançar sobre a direita em sentido horisontal.

Em certo ponto pararam e o homem das barbas brancas, voltando-se para o *Trovão,* disse:

— Agora vá buscar o seu companheiro, que fica n'esta prumada, no segundo pavimento. As grades estão limadas e basta um ligeiro impulso para se lhe facilitar o accesso na prisão. Já vê que não me tenho descuidado e tudo preveni convenientemente.

Descer na prumada em que elles estavam até ás janellas do segundo pavimento, era n'aquellas circumstancias uma cousa simplesmente impossivel.

O *Trovão,* posto que de natural animoso e habituado aos lances arriscados, exitou um momento em saber mesmo o que havia de responder a um homem que, de toda a altura do vasto edificio, outr'ora solar de reis e agora residencia do crime, o mandava precipitar, por não se comprehender de outra fórma aquella intimação peremptoria e laconicamente absurda.

Comprehendeu-lhe a nutural hesitação o seu libertador, e sorrindo de uma maneira maliciosa, fez-lhe observar que ao longo da parede se estendia uma escada de corda perfeitamente collocada por modo que qualquer pessoa mediamente animosa poderia utilisar com optimo resultado.

Aquelle homem era de certo verdadeiramente prodigioso.

— Não é tudo ainda, proseguiu elle. D'aqui a pouco é dia e os guardas terão de ser rendidos. N'essa occasião, quando se abrirem as portas, aproveitando aquelle primeiro movimento de confusão, é que havemos de sair. O senhor vae commigo...

O *Trovão* não poude deixar passar esta phrase sem a repetir de um modo desconfiado.

— Commigo? Pois tambem foge comnosco?

Affigurava se-lhe já muita gente junta para se salvar...

O velho sorriu francamente.

— Disse-lhe que ia comsigo, explicou elle, porque sou o chefe dos guardas, e d'este modo já vê que não vae mal acompanhado.

A situação mudava agora inteiramente de figura.

— Comprehendo. Bem vê que estou prompto a obedecer-lhe em tudo.

— Do sitio onde estavam, a pouca distancia, havia uma especie de mansarda, cuja janella, ou mais propriamente, cuja fresta dava para o telhado.

— É ali o meu quarto, proseguiu o velho. Vá buscar o seu companheiro e volte. Lá me encontrará. Temos ainda meia hora. Não é muito para o que resta a fazer, mas emfim é tempo sufficiente.

E n'um transporte de enthusiasmo apertando-lhe a mão:

— Por S. Jorge, Deus salve a patria!

O *Trovão* deixou-se escorregar até á platibanda.

No relogio da sé davam quatro horas da madrugada. Não tardava que o dia começasse a romper.

(Continúa) *Leite Bastos*

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.